

Leito intacto

O de Andrade

Por Dona Juza & O de Andrade.

O beco ficava qual escondido atrás de um pequeno morro, que vinha da rua Direita acompanhando a rua das Flores. Ali, quase ignorado pelos passantes diurnos atraía como ímã os transeuntes noturnos. Homens ora de passos certos e destemidos, ora incertos, inseguros, tensos olhando para todos os lados para se assegurar, que ninguém poderia vê-los entrar naquela pequena viela escura.

Ao dobrar a primeira esquina do beco, a escuridão plena dava lugar a uma luz rubra oscilante de neon. Uma seta tal qual o místico rabo do diabo acenava risonha a entrada. Diante da fachada letras se alternavam brilhando multicoloridas: **Alianças Jogadas**.

Adentrou com a rapidez do vento. O medo cedeu ao desejo, que agora fluía. O corpo vibrava de antecipação. Impaciente, sentou-se numa cadeira a espera. Seu dasassossego termina com a chegada da dona da casa, que sussurrou: ***a parceira já está no quarto número cinco.***

Enveredou pelo corredor até o citado quarto e assim que abriu a porta, deparou-se com uma enorme “cama de aluguel”. Ao lado, numa poltrona, estava a “noiva de uma noite”, linda, com um olhar inocente, temeroso como a suplicar: apiede-se de mim, não me toque.

Começaram a conversar. Indagou o porquê de estar ali. Ela principiou a falar qual num desabafo: ***sou casada. Esta é minha primeira vez...não é meu ofício.Tenho dois filhos lindos e um esposo maravilhoso o qual precisa urgentemente fazer uma cirurgia delicada. Preciso arrecadar fundos para tal.***

A tristeza fazia folia na voz. Caiu em copiosas lágrimas. A sua animação desceu a zero. Após um silêncio incômodo, preencheu um cheque com uma quantia generosa. Entregou-o para ela e proferiu: ***Vá para sua casa e não volte mais neste lugar de perdição!***

Despediu feliz por evitar que ela traísse o compromisso com o companheiro. Caso contrário esse erro seria o primeiro de uma série. Meio envergonhado de si mesmo, saiu pela porta de serviço para não encontrar ninguém.

Uma lua tímida pairava entre as torres da igreja barroca e às mazelas noturnas do ser humano indiferente. Ali daquele beco soturno parecia, que ela tentava com sua luz emprestada se esquivar em vão de umas densas nuvens negras.

Uma voz conhecida lhe disse: ***quando a lua assim minguar é sinal que vai chover. É mesmo!?*** - respondeu perguntando. A sombra de um homem alto e de passos lépidos lhe confirmou fazendo que sim.

Seguiram até a esquina onde um solitário poste encerrava as trevas. Do outro lado da rua um beco descia uma ladeira. Atravessaram a ilha de claridade e adentraram novamente na acolhedora escuridão.

Após um ir de boteco em barzinho quase sem fim o dia amanhacia. Tomaram um forte cafezinho no Café de Dona Zilda. Casto ponto final para toda noite passada no Beco das Garrafas.

Já no caminho para a tranquilidade do lar um vulto vindo da sarjeta, ao vê-lo, se esconde. Acha estranho, mas ignora. Um sopro de vento invade a calçada repleta de pedaços de papéis.

Deixa-se encantar pelo bailar dos papelejos dentro do redemoinho. Fecha por instinto os olhos e levanta os braços para senti-los vagar qual que através de si. Ao recobrar a visão a ventania já se desfazia.

Pelo chão espalhada em fragmentos sobre o calçamento de pedras irregulares reluzentes

pelos primeiros raios de sol, reconhece sua assinatura.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/leito-intacto>